

Buracos negros e outras perguntas sem resposta



Escultura de vidro e desenho digital de Herman Tacasey

De maio a novembro, nomes de diferentes áreas do conhecimento se revezam no ciclo de debates Fronteiras do Pensamento para investigar os sentidos da vida —a questão eterna, mas agora no plural, multiplicada pelas escolhas e os tormentos próprios da atualidade **p.2**

de onde viemos

Janna Levin, a astrofísica que pesquisa o Universo do início ao fim **p.4**
 Denis Mukwege, o ginecologista feminista que transforma dor em poder **p.8**

para onde vamos

Roger Scruton, um conservador contra a invasão do plástico **p.7**
 Reflexões de um coveiro, um refugiado, uma enfermeira e um bombeiro **p.2 e p.11**

É hora de retornar à investigação das grandes questões humanas

Da filosofia à astrofísica, ciclo de debates busca respostas para sentidos da vida

Fernando L. Schüler

professor do Insper e curador do Fronteiras do Pensamento

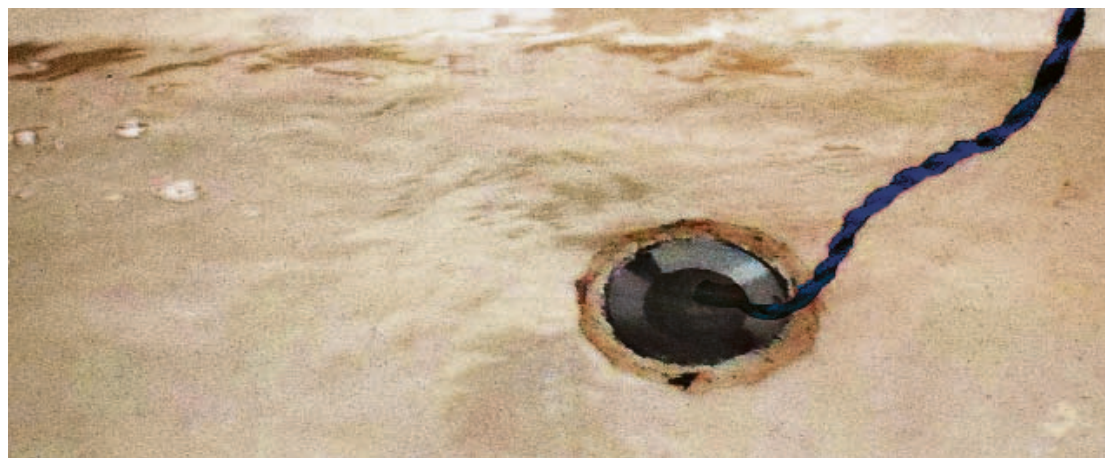
Nietzsche havia tentado conquistar o coração de Lou Salomé, sem sucesso. Depois, enquanto vagava solitário entre a Itália e os Alpes Suíços, recebe uma carta do velho amigo Erwin Rohde com uma foto de seu filho recém-nascido.

A reação de Nietzsche é um exercício de autopiedade. “Oh, amigo, que vida reclusa e sem sentido a minha. Tão só, tão sem filhos.” Não seria a primeira nem a última vez que ele reclamaria de sua vida solitária.

A lamentação, porém, é apenas parcialmente verdadeira. Nietzsche parece apenas dar alguma vasão à imagem do homem feliz, confortável, rodeado de filhos, pequenos prazeres e alguma estabilidade. O filósofo era, no fim das contas, um animal de outro tipo.

Seu propósito um tanto dramático era buscar uma espécie de sentido para a existência humana em um mundo em que os velhos valores haviam derretido. Um mundo sem deus, na sua imagem mais conhecida, no qual não nos resta outra alternativa senão andar por conta própria.

A partir daí vem seu fascínio pela ideia do “além-do-homem”, seu deboche talvez injusto ao “último homem”, ao pequeno hedonista, ao homem comum. Daí seu elogio de Schopenhauer, espécie de Napoleão que se pôs a pensar e a perguntar, em vez de ir à guerra. Daí seu elogio da vida que se vive “perigosa-



Fotomontagem de Herman Tacasey

mente”, assumindo um tipo de risco que ele mesmo assumira quando rompeu com a sua formação protestante, com a vida acadêmica, com o fascínio de Wagner.

É um pouco sobre estas coisas que o Fronteiras do Pensamento 2019 irá tratar. Infelizmente, Nietzsche não está mais por aqui para ser convidado, mas não faltarão tipos extraordinários de nosso tempo, tendo cada um a seu modo caminhado perigosamente para este lugar desconhecido que é o além-do-homem.

É assim com Luc Ferry, com sua definição incômoda da filosofia como caminho possível para uma “salvação sem deus”. A imagem do corvo, do poema de Edgar Allan Poe, a cada instante dizendo “nunca mais, nunca mais”, e a nos lembrar do efêmero, da fragilidade da vida, do sem sentido do medo que nos paralisa e nos impede de ir adiante.

É assim com Roger Scruton e seu elogio da beleza como sentido último da arte. A ideia de que “podemos lidar com

a tristeza da vida, em parte, porque podemos representá-la, e deste modo lhe oferecer um sentido”. Um exercício que permite à vida ir para além da mera utilidade. De novo: além do que é necessário, do usual, da vida feita a baixo risco.

Não teremos Nietzsche, mas encontraremos Paul Auster. O criador de Nathan Glass e seus “Desvários no Brooklyn”. Auster e seus personagens incomodamente parecidos com todos nós. Urbanos, por vezes solitários, por vezes obrigados a reconstruir tudo e cultivar afetos difíceis. Auster como o escritor do anti-herói. O outsider do sonho americano. Ele mesmo, quem sabe, caminhando no deserto.

Herói mesmo é Denis Mukwege, o Nobel da Paz, o médico que tinha diante de si uma vida confortável, na Europa, mas que volta ao Congo, em meio à guerra, para refundar seu hospital e dedicar a vida a devolver a dignidade a milhares vítimas de mutilação e

violência sexual. Mukwege é um tipo que decidiu viver no centro do furacão. Será interessante saber de suas razões.

O mesmo vale para Werner Herzog, o cineasta, o escritor, o documentarista, o provocador (agora de volta à selva brasileira para retratar a aventura esquecida da Fordlândia), para Graça Machel ou para a cientista e escritora Janna Levin.

Cada um, a seu modo, responde à provocação de Contardo Calligaris, que certa vez disse não desejar simplesmente uma vida feliz, mas uma vida interessante. Ninguém sabe ao certo, imagino, o que é uma vida interessante, mas a questão parece mais atual do que nunca.

Somos filhos de um tempo em que se vive mais, as oportunidades se multiplicam e com elas a angústia da escolha. Daí a pergunta, feita no plural, sobre os sentidos da vida. Pergunta sem chance de uma grande e definitiva resposta, aí residindo, sabe-se lá, seu delicado encanto.

QUAL O SENTIDO DA VIDA ?

Tem a ver com a questão do coletivo, com servir. Minha profissão está muito ligada a quanto minha existência é importante para outras pessoas. Ajudar o paciente a passar por um processo doloroso e chegar à morte de uma forma digna e confortável traz sentido para a minha existência

Paula Barrios, 31,
enfermeira que cuida de pacientes terminais

Minha causa: tentar ajudar as pessoas que estão na mesma situação que eu, para que elas consigam sair de lá do Congo ou de outros países e chegar até aqui no Brasil. É isso que eu tento defender. São os caminhos que tento abrir todos os dias como refugiado e ativista de direitos humanos, porque é algo que fala muito também sobre a minha realidade

Sikabaka Dinganga Prosper, 32,
refugiado da República Democrática do Congo e ativista de direitos humanos

O sentido da vida está em saborear, perceber e vivenciar cada momento, ou a gente acaba passando pela existência de uma maneira que não somos o capitão da nossa própria jornada. A profissão de urgência e emergência lida muito com o efêmero. Percebo que a vida é algo muito fugaz, o que ficou evidente em Brumadinho. Tantas pessoas não eram para estar lá e, por um minuto, ou por uma demanda de trabalho inesperada, estavam...

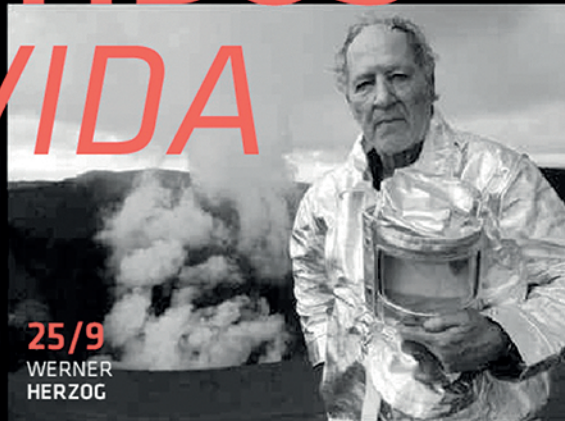
Pedro Aihara, 26,
tenente do corpo de bombeiros de MG que coordenou a comunicação durante o resgate das vítimas de Brumadinho

Braskem apresenta WWW.FRONTEIRAS.COM

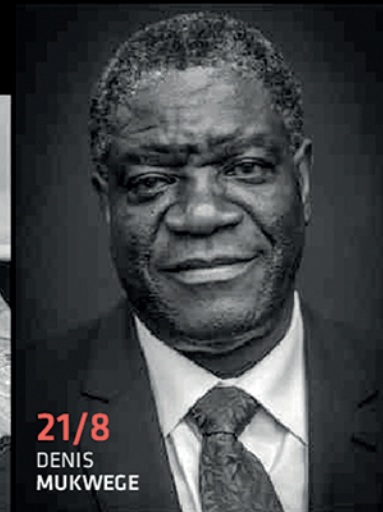
SENTIDOS DA VIDA



4/9
JANNA
LEVIN



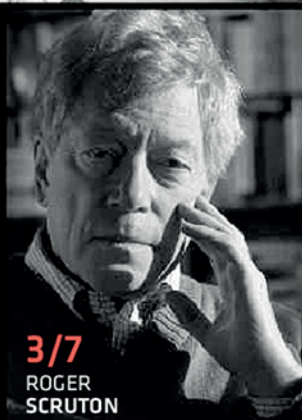
25/9
WERNER
HERZOG



21/8
DENIS
MUKWEGE



13/11
LUC
FERRY



3/7
ROGER
SCRUTON



15/5
GRAÇA
MACHEL



19/6
PAUL
AUSTER



23/10
CONTARDO
CALLIGARIS

INFORMAÇÕES

11 3882.9180

VENDAS

www.ingressorapido.com.br

sem taxa de conveniência

Lojas da Livraria da Vila

LOCAL

TEATRO
Santander

Promoção

FOLHA
NÃO DA PRA NÃO LER

50%
desconto
assinantes

Para entender o mundo, precisamos ir além dos mapas. Na procura por respostas, devemos fazer novas perguntas. E, quando buscamos o outro, também é importante reconhecer a nós mesmos. No universo de infinitos e subjetivos, os encontros de ideias e pessoas são motores da mudança individual e coletiva.

Siga o conhecimento. Cultive a inspiração. Vivencie o debate. Ultrapasse as fronteiras.

Temporada 2019 - 8 Conferências - De maio a novembro - Acesse Fronteiras.com

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

Apresentação

Braskem

Patrocínio

Santander



**HOSPITAL
SÍRIO-LIBANÊS**

MATTOS FILHO >
Mattos Filho, Veiga Filho,
Marrey Jr e Quiroga Advogados

Empresas Parceiras

JK IGUATEMI

cmpe

Latitudes
VIAGENS DE CONHECIMENTO

**B Colégio
Bandeirantes**

Livraria Oficial

**LIVRARIA
DA VILA**

Parceria de Mídia

revista **piauí**

Quatro cinco um
A MÃO DA FOLHA NOTÍCIA

CBN
A MÃO DA FOLHA NOTÍCIA

FOLHA
DE S. PAULO

Janna Levin

Buracos negros são limites, mas também pistas para avanços

Autora de 'A Música do Universo' e uma das estrelas do Fronteiras 2019, a astrofísica explica sua visão entusiástica sobre a fase atual da pesquisa científica

Salvador Nogueira

SÃO PAULO A física moderna traz limites severos ao que é possível conhecer. Como é o interior dos buracos negros? O que há além do Universo observável? São barreiras que deixam alguns pesquisadores perturbados. Mas não a astrofísica Janna Levin, professora do Barnard College da Universidade Columbia, em Nova York. Na visão dela, os limites são a chave para novas descobertas.

“Os buracos negros são exatamente assim”, diz, ao referir-se a um dos seus temas de estudo prediletos, esses objetos misteriosos cuja gravidade é tão intensa que nem mesmo a luz pode escapar deles.

Além de pesquisadora, Levin desenvolve atividades inovadoras de divulgação científica. Autora de livros sobre cosmologia e a histórica detecção das ondas gravitacionais geradas pela colisão de buracos negros ocorrida em 2015, ela é diretora da Pioneer Works, centro cultural voltado a artes e ciências no bairro nova-iorquino do Brooklyn.

Levin se revela uma otimis-

ta. Reconhece os dilemas centrais da física moderna, como a incompatibilidade entre a teoria da relatividade geral de Einstein (melhor descrição da gravidade) e a mecânica quântica (responde pelas demais forças da natureza), e os mistérios da matéria escura (compõe a maior parte da massa do Universo, mas é detectável até hoje apenas indiretamente, pela gravidade que exerce) e da energia escura (força misteriosa que está acelerando a expansão do Universo, na contramão da realidade).

Apesar desses dilemas seguirem como enigmas não resolvidos, para a cientista, são pistas que têm permitido avanços notáveis.

“Estamos fazendo avanços interessantes”, diz, ao se referir a ideias radicais, como a de que o Universo tridimensional é um holograma ou de que o cosmos é finito, curvando-se sobre si mesmo numa escala maior que a que podemos ver.

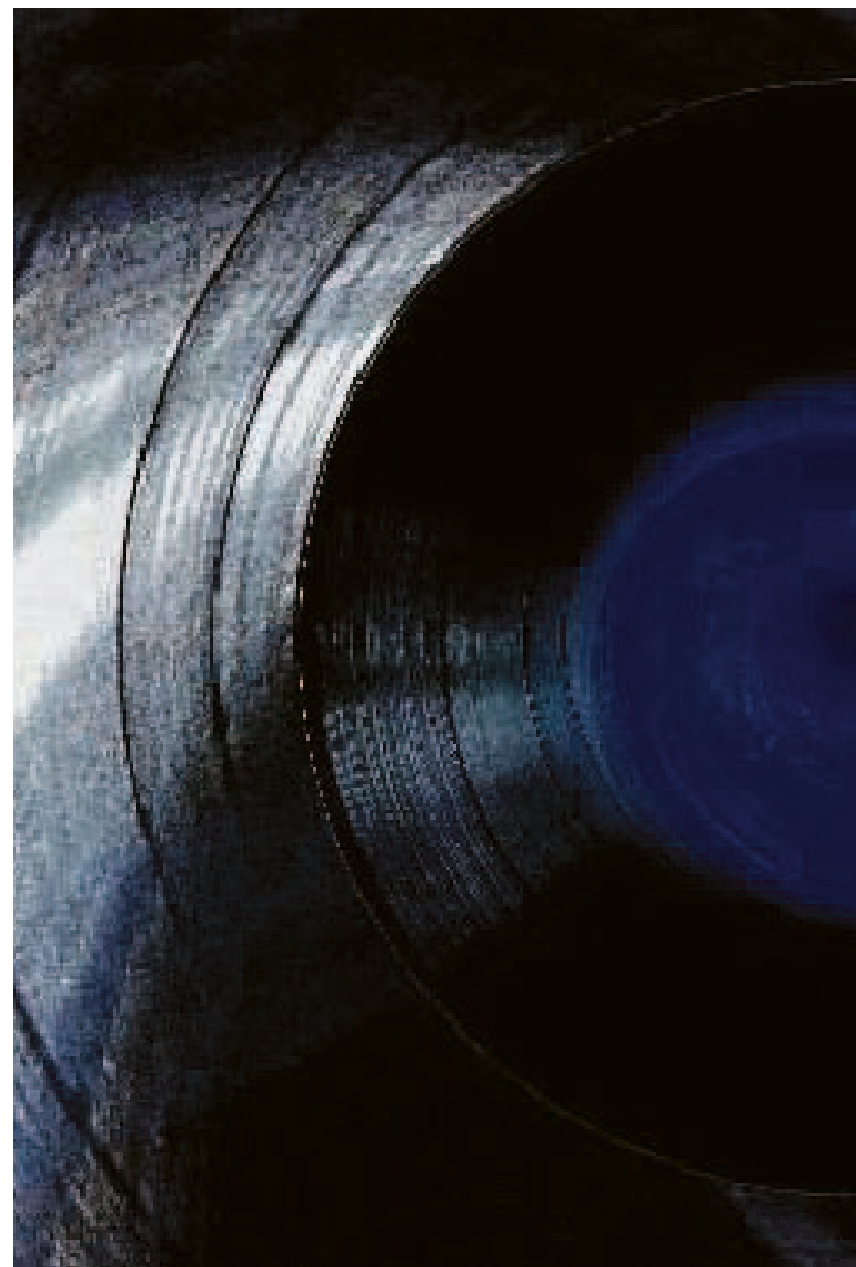
Na conversa que travou com a *Folha*, ela aborda desde a ideia de transformar buraco negro em fonte de energia até questões mundanas que

a mantêm acordada madrugada adentro.

*

Vivemos uma época empolgante nesse campo de buracos negros, com os primeiros resultados do Ligo, observatório detector de ondas gravitacionais. Finalmente começamos a “ver” os buracos, não? Sim, eu diria que os estamos “ouvindo”. É um momento incrível e uma das experiências mais gratificantes ter sido capaz de estar viva durante o anúncio, depois de ter estado na área por tempo suficiente para entender quão difícil é essa detecção. Não sou experimentalista, sou teórica, normalmente não sigo os experimentos tão de perto quanto fiz com esse, e só de estar ciente dos desafios e das maneiras em que isso poderia dar errado e então ter essa gravação, é maravilhoso.

O que podemos esperar da ciência a partir de agora? Um dos aspectos importantes será isso que chamamos de astronomia multimensageira, esse retrato múltiplo do “som” das ondas gravitacionais e de cer-



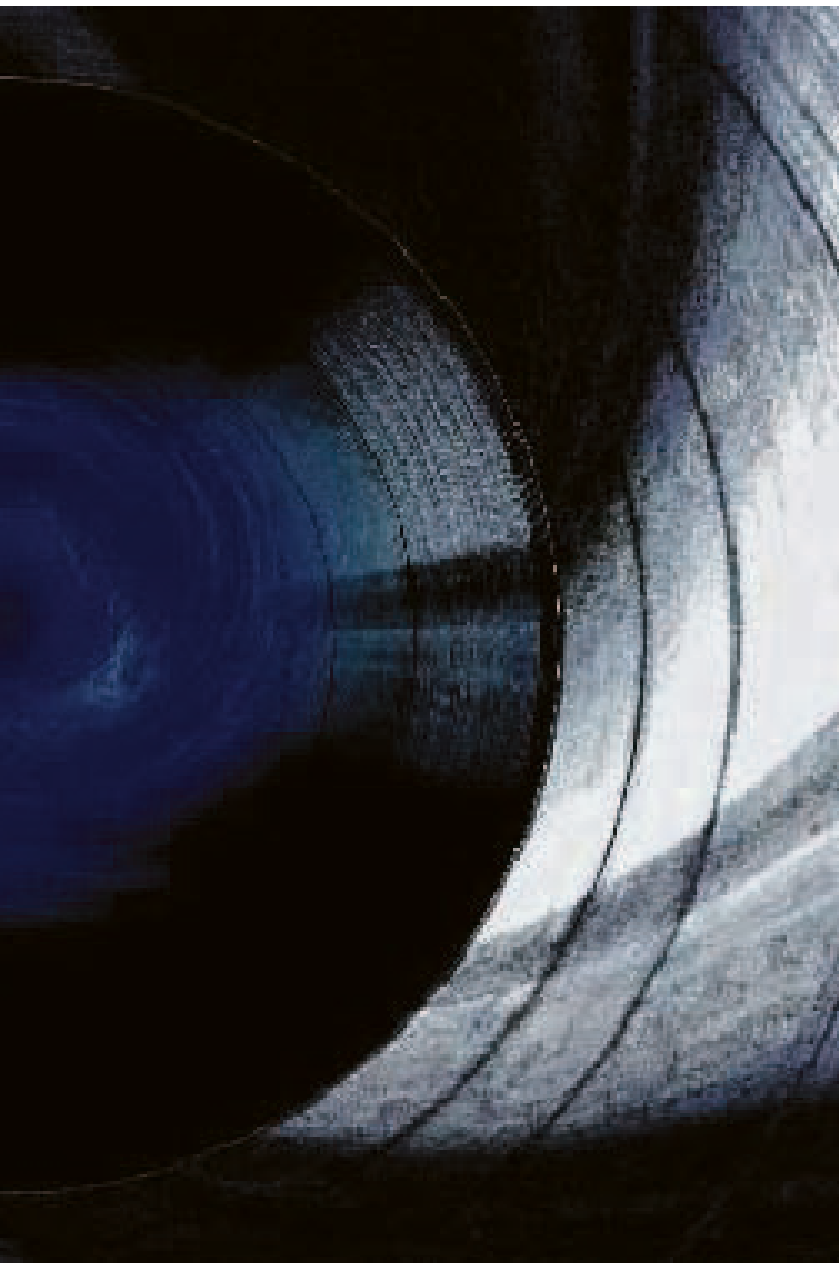
Fotomontagem de Herman Tacasey

tos eventos luminosos. A colisão de dois buracos negros pode ser sempre escura, mas detectamos duas estrelas de nêutrons colidindo, e foi incrivelmente luminoso — fogos de artifício. O que alguns de nós mais esperam é que detectemos algo em que nunca pensamos. Mas pode não acontecer por um longo tempo.

E você tem interesse em um evento em particular, a colisão de um buraco negro com uma estrela de nêutrons, por conta da sua ideia da bateria de buraco negro. Sim. A ideia é que o buraco negro se funde com uma estrela morta — uma estrela de nêutrons, que tem um

campo magnético 1 trilhão de vezes mais intenso que o da Terra. E ela espirala em órbita e cria um campo elétrico nele, e o sistema todo se torna um circuito elétrico e acende. Amo demais essa ideia, e, no futuro, se tivermos todos esses instrumentos apontados a cada sinal que o Ligo detectar, teremos a primeira chance de ver algo assim.

O que eu acho mais legal nessa ideia é que talvez buracos negros possam ter um uso prático para civilizações avançadas, com toda essa eletricidade disponível. É, eu fiz o cálculo uma vez para uma paleta que dei, do que acontece-



to. Quando Einstein aceita o limite da velocidade da luz, ele descobre a relatividade. Temos essa sequência extraordinária na história da ciência em que limites severos levaram a incríveis episódios de criatividade e enormes revoluções científicas. Acho que os buracos negros são assim.

Você começou estudando filosofia e então migrou para a ciência, por achar que parecia ser chão mais firme. Mas a ciência, e a física em particular, parece estar se voltando para a filosofia novamente. Brinco com alguns dos meus amigos físicos que estão se tornando filósofos. Eu os provoço por seguir uma direção que percebo errada, mas é um fato que há aspectos da mecânica quântica que não entendemos, e ainda assim é o paradigma mais bem-sucedido e testado na história da física.

Então, não é que não haja um papel para a filosofia, é só que discordo da ênfase da personalidade, em que ficamos trabalhando para analisar o que algum filósofo quis dizer. Isso não tem chance de ser uma verdade transcendente. Quando você sente, vê, cheira e prova uma verdade transcendente, ela é verdadeira para todos, não pode estar trancada na mente de uma pessoa. Quando Einstein nos ensinou a relatividade, ela passou a pertencer a todos nós.

Mas há coisas, especialmente com a mecânica quântica, que não são abordáveis por experimentos. Temos de interpretá-las. O fato de que é incompreensível para nós pode ser uma indicação de que não é uma teoria completa. Por outro lado, pode ser que isso seja simplesmente assim, e que nossas mentes tenham encontrado algo que é um desafio para nós.

Muitos físicos agem como “não estou nem aí que não entendo esse aspecto da teoria, porque minha máquina funciona e tenho esses dígitos de precisão no meu medidor”, e eles estão felizes com isso.

E você, está feliz com is-

QUEM VEM



JANNA LEVIN,
física teórica e astrônoma
norte-americana

Em suas pesquisas sobre o início do cosmos, busca compreender os buracos negros e as ondas gravitacionais no espaço-tempo. Janna trocou a filosofia pela física, mas persiste na reflexão sobre o propósito e o destino das coisas existentes. Em seu último livro, “A Música do Universo” (Companhia das Letras), sobre três cientistas que levaram 50 anos para detectar as ondas gravitacionais, descreve a obstinação do homem em desvendar, como ela, os mistérios do universo.

Fronteiras 4.set., 20h30

so? Não, quero entender (risos). Mas estar infeliz não é o mesmo que ter certeza de que há solução. Para coisas como buracos negros evaporando e ter de declarar se a informação que caiu no buraco negro acabou saindo dele ou não, isso precisa ser solucionável. É algo que vamos descobrir.

Fizemos avanços, e eles produziram ideias muito brilhantes. De novo, aquela conversa de como um limite fundamental leva a essas revoluções criativas. O limite virou uma pista, uma pista que nos provoca desde que Hawking propôs pela primeira vez que buracos negros evaporam, nos anos 1970. É uma coisa que deve ser solúvel, é só uma questão de quando.

E você não acha que há problemas que incomodam há um tempo tão longo que talvez não encontremos resposta? Sou mais otimista do que algumas pessoas com quem

você possa ter conversado. Tivemos ideias maravilhosas aparecendo, como a holografia do Lenny [Leonard] Susskind, a ideia de que um buraco negro não tolera mais informação do que a que pode ser abrigada em sua superfície.

A razão pela qual é chamado de holografia é porque um holograma é quando você codifica numa superfície bidimensional toda a informação para criar uma imagem que parece tridimensional. Com isso, você tem uma sugestão de que o Universo deve ser holográfico. Sugere que talvez o Universo inteiro não seja limitado pela tridimensionalidade em que pensamos viver, mas por uma bidimensionalidade, e tudo é uma ilusão tridimensional em que toda a informação que pode ser abrigada corresponde a uma superfície. Eu sei, é um conceito difícil, mas é estonteante.

Você não se sente pressionada pelo fato de não termos uma teoria de tudo? Eu me sinto, mas acho que estamos fazendo avanços. Aqui vai uma ideia radical: se eu olhar para as leis da física, reúno todas as forças da matéria pela mecânica quântica, e o que fica de fora para termos uma teoria de tudo é a gravidade. Então, a teoria que queremos é a que coloca a gravidade junto com as forças da matéria, e a resistência da gravidade em ser quantizada pode ser apenas uma pista de que ela talvez não seja fundamental.

Talvez seja só um fato da natureza que, quando os fenômenos quânticos são suficientemente complexos, eles criam na escala macroscópica essa ilusão de algo que chamamos de gravidade. Isso pode estar errado, mas é muito louco. Deixe-me dar um exemplo. Quando você fala de temperatura, como a na sua sala agora, parece convincente que exista algo chamado temperatura. Mas não há. Ela é na verdade o comportamento coletivo de muitas coisas criando a ilusão de algo que chamamos de temperatura. A gravidade poderia ser a mesma coisa.

[Continua na pág.6](#)

ria se você pegasse a Lua e a transformasse num buraco negro, e então usasse o ímã mais poderoso disponível na Terra. Você poderia alimentar a cidade de Nova York. É um circuito muito poderoso, mas apenas nos últimos segundos das órbitas, quando tudo se torna mais dramático, então é na verdade difícil obter boa energia, mas, sim, eu pensei na mesma coisa. Seria uma coisa “sci-fi” legal fazer buracos negros em laboratório e descobrir como miná-los para obter energia.

Alguns detalhes técnicos apenas para resolver, certo? É (risos), mas adoro a ideia de

resolver a crise de energia com buracos negros.

O fato de existirem buracos negros mostra que há limites sobre o que podemos aprender. Temos a descrição matemática do que é um buraco negro, mas a teoria falha no interior dele. O que acha deles como metáforas para os limites da compreensão da natureza? Os limites mais intensos ao conhecimento —por exemplo, o limite da velocidade da luz, segundo o qual nunca podemos descobrir algo mais depressa do que um raio de luz pode nos trazer—, embora pareçam severos, sua consequência é o exato opo-

folhafronteiras



Fotomontagem de Herman Tacasey

Buracos negros são limites, mas também pistas para avanços

Continuação da pág.5

Como vê a relação entre arte e ciência e como esse diálogo ocorre no seu trabalho? Acredito que a ciência é parte da cultura e que, quando a tratamos desse modo, todos nos beneficiamos. Sou diretora de ciências num novo espaço cultural com uma pegada artística. Não é um museu, não é uma instituição: é uma experiência.

No nosso último evento, os filósofos Daniel Dennett e David Chalmers falaram sobre inteligência artificial e consciência, e tínhamos filas, o espaço ficou cheio bem além da lotação. Há uma exibição de arte que, por coincidência, falava sobre tecnologia e o futuro da humanidade. Você chega uma hora mais cedo, caminha pela exposição, pega comida e bebida, há telescópios no jardim, trazemos astrônomos para olharem para o céu, e aí há uma conversa de uma hora e meia que explode sua cabeça e, depois, as pessoas não vão embora. Temos de empurrar as pessoas para fora. O que estamos fazendo é apresentar a ciência como parte da cultura, e isso gera colaborações maravilhosas. As reações, preciso ser honesta, têm sido maiores do que imaginávamos. Essa tem sido uma

das experiências mais criativas da minha vida.

Por falar em inteligência artificial, acha que estamos perto de construir máquinas que pensam e sentem? Acho que não vamos escrever um programa que leve a uma inteligência artificial. No ritmo em que estamos agora, isso parece estar muito distante. E ninguém sabe se hardware e software digitais têm longevidade.

Pensando nisso, você acha que estamos registrando mal a história atualmente? Os arqueólogos e historiadores do futuro terão dificuldade em encontrar nossos documentos e coisas porque são quase totalmente digitais a essa altura? Essa é uma questão muito boa e sutil. Acho que sim, embora eu adore, porque é tão conveniente. Mas estou ciente de que 99,999999% das informações serão perdidas para sempre. Alguém poderá achar meus livros na minha prateleira. Mas é improvável que achem minhas cartas, certo? Ou talvez isso signifique que haverá outro tipo de pesquisa acadêmica que se concentre em arquivos digitais, por exemplo, tentando fazer curadoria do que deve ser salvo. Mas, fora isso, é

garantido que vamos perder nossas fotos e cartas.

Um dos seus trabalhos mais interessantes é a noção de que o Universo pode não ser infinito, pode se fechar sobre si mesmo. Por que você acha essa uma boa ideia? Sou sempre agnóstica com relação a ideias. Se elas são boas para mim, ou não, não é um bom critério para saber se são verdadeiras. Mas há essa variedade de possibilidades com o que Einstein pensou sobre a relatividade geral e o espaço-tempo. Ele começou a pensar na questão de que há três dimensões espaciais. Mas, por que três? E se há outra possibilidade? Talvez o Universo tenha muitas dimensões.

A não ser que você consiga explicar por que são apenas três dimensões, pode muito bem ser que não sejam três e que apenas três tenham se tornado grandes. Imagine começar com um Universo com uma pegada democrática em que todas as dimensões são finitas e pequenas, e o que você está tentando explicar é por que, digamos, seis delas ficaram tão pequenas que não posso colocar meu cotovelo naquela direção, enquanto três dimensões se tornaram absurdamente vastas para

abrigar galáxias e aglomerados de galáxias. Isso de certo modo sugere que, se é possível aceitar isso, é provável que seja assim. A natureza parece descobrir um jeito de fazer tudo que é possível.

Mas, por outro lado, todas as evidências sugerem que o Universo tem uma geometria plana. Como combinar essas ideias com o que vemos no Universo observável? Tenho um artigo chamado “O Universo é infinito ou realmente só muito grande?”. Pode muito bem ser que o Universo seja localmente plano, mas não em toda parte, e a maior parte das teorias de origem do Universo sugere que era bagunçado no começo. O que aconteceu foi que ele foi aplainado pelo esticamento rápido. Pode ser que só nossa região observável seja localmente plana.

Ao pensar em coisas além do Universo observável, você não está voltando à filosofia? Estaríamos voltando à filosofia se não tivéssemos nada para calcular. Se você está fazendo a matemática, não está fazendo filosofia. Veja, não estou dizendo que minhas questões não são filosoficamente motivadas. São. É só que eu achei respostas melhores para questões filosoficamente motivadas na matemática, e se a matemática pode também ser testada, tanto melhor. Mas aceito se só puder ser testado matematicamente. A maioria das nossas teorias morre no papel, antes de chegarem a qualquer lugar próximo de um experimento.

Certo, e quanto a questões que poderemos responder em alguns anos ou décadas, quais suas maiores expectativas? Bem, obviamente, acho que matéria escura e energia escura são questões realisticamente solucionáveis. Eu ficaria muito empolgada com a teoria quântica da gravidade, mas pode ser algo que está 300 anos no futuro, e é difícil de avaliar quando vai aparecer.

Há questões que a deixam acordada à noite, que você

QUEM VEM



GRAÇA MACHEL,
política e ativista
moçambicana

Uma das mais importantes ativistas africanas, defende ações pela educação das crianças e pelo empreendedorismo de mulheres em territórios carentes. Viúva de Nelson Mandela, lutou com a Frente de Libertação de Moçambique durante a Luta Armada da Libertação Nacional. Em 1976, casou-se com Samora Machel e se tornou a primeira-dama do país, atuando como ministra da Educação e Cultura por 14 anos.

Fronteiras 15.mai, 20h30

gostaria de resolver? Sim. Algumas vezes são coisas mundanas como: “Ligamos a lava-louça?”. Mas algumas vezes também fico acordada à noite e me pergunto se a energia escura não é uma observação de que há dimensões espaciais extra, e de que a energia escura é a energia quântica que está presa nessas dimensões espaciais extra. Isso se encaixa muito bem como uma ideia, embora haja furos, coisas que ainda não sabemos como entender teoricamente. Mas é algo sobre o qual eu reflito.

E, definitivamente, holografia e buracos negros. O Universo é mesmo holográfico e, se é, por quê? Essas coisas me perturbam e me agitam, e também me fazem me sentir ótima, porque me sinto conectada ao resto do mundo que está usando essas mesmas ferramentas, independentemente da língua, do pano de fundo cultural... Todos podemos compartilhar isso. É um modo muito significativo de estar conectada ao Universo.

Ambiente é maior desafio ao debate público

Não existe tema mais urgente hoje, diz o filósofo Roger Scruton, autor de 'Como Ser um Conservador'

Marco Almeida

SÃO PAULO Uma boa maneira de compreender o pensamento conservador de Roger Scruton é ler o que ele tem a dizer sobre o meio ambiente. Não há tema mais urgente e central no debate público atual, diz. Ativistas ecológicos, contudo, estão equivocados na forma de abordá-lo.

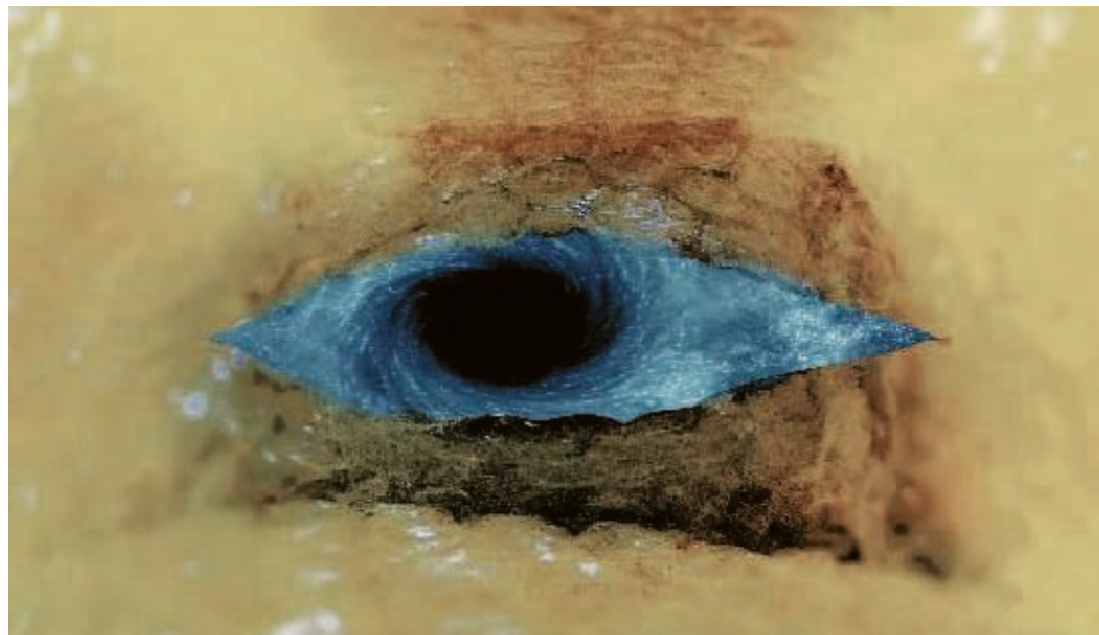
“Eles se concentram no que não podemos controlar agora, a mudança climática, e ignoram o que podemos controlar, a poluição pelo plástico. Talvez possamos nos adaptar a um aumento na temperatura, mas não a um mundo em que tudo está contaminado pelo plástico”, afirma o filósofo, em entrevista à **Folha**.

Cuidar do que está próximo, buscar melhorias no âmbito local, ter cautela com propostas que pareçam inexecutáveis. Com poucas variações, essa é a receita que Scruton oferece para responder a questões como nacionalismo, desigualdade e multiculturalismo.

“O conservadorismo é uma atitude perante a vida. Baseia-se no apego a coisas herdadas e numa suspeita de mudança radical”, conta ao jornal.

Num dos livros básicos para entender suas ideias, “Como Ser um Conservador” (Record), Scruton resume: “O conservadorismo advém de um sentimento que toda pessoa madura compartilha com facilidade: a consciência de que as coisas admiráveis são facilmente destruídas, mas não são facilmente criadas”. Alguns exemplos: a paz, a liberdade, a lei, a vida familiar.

“Em relação a tais coisas, o trabalho de destruição é rápido, fácil e recreativo; o labor da criação é lento, árduo e maçante”, acrescenta. Está aí, para ele, a desvantagem do conservadorismo no debate público: “Sua posição é verdadeira, mas enfadonha;



Fotomontagem com plástico bolha de Herman Tacasey

a de seus oponentes é excitante, mas falsa”.

Scruton, contudo, não tem do que se queixar. Nos últimos anos as ideias conservadoras ganharam difusão em diversos países, inclusive naqueles de base institucional menos consolidada, como o Brasil.

Principal expoente vivo do conservadorismo, Scruton tornou-se também referência teórica da nova direita brasileira. Mais de uma dezena de seus livros ganharam edição no Brasil. A situação era bem diferente há 15 anos, quando era pouco conhecido mesmo no meio acadêmico brasileiro e menções a ele na imprensa quase se restringiam aos artigos de Olavo de Carvalho, o

guru dos grupos nacionais: “Conheço, mas tenho vergonha de dizer que não o li. Vou fazê-lo”, diz.

A obra de Scruton é de temática vasta, abarca reflexões sobre estética, religião e história da filosofia. Mas a repercussão de seus textos políticos fixou sua imagem como “defensor do conservadorismo”.

Embora densos, seus livros passam longe do tédio. A sofisticação de suas ideias, a forma precisa de expressá-las e a verve provocadora garantem o prazer da leitura, talvez até a um comunista convicto.

Scruton celebra os indícios de uma onda conservadora pelo mundo, mas vê um longo trabalho pela frente para desfazer o que considera equívocos colados a essa corrente.

Talvez o principal deles seja o discurso das esquerdas segundo o qual conservadores ignoram, quando não se opõem, a pautas sociais e identitárias.

“Conservadores não ignoram questões sociais. Só não acreditam que existam soluções socialistas para eles. A desigualdade não é aliviada pe-

QUEM VEM



ROGER SCRUTON,
filósofo e escritor britânico

Expoente do pensamento conservador contemporâneo, Scruton está entre os mais importantes filósofos da atualidade. Polêmico, é autor de obras sobre filosofia, política e estética e membro da Sociedade Real de Literatura. Defende a ideia de que a beleza está desaparecendo do mundo porque vivemos como se ela não importasse. Em seu livro mais recente, “Tolos, Fraudes e Militantes” (Record), investiga o que se tornou a esquerda hoje e como a ideologia evoluiu ao longo do século 20. Fronteiras 3, jul, 20h30

la retirada de bens dos ricos, mas pela oferta de oportunidades aos pobres”, responde.

“Quanto aos movimentos de identidade, são, em grande parte, tentativas de encontrar uma identidade social em oposição ao mundo circundante. Essa tentativa é parte normal da adolescência. Mas algumas pessoas também se recusam a crescer”.

Para a surpresa de seus opositores, o filósofo afirma que em certas situações o capitalismo precisa ser controlado. O acúmulo excessivo de poder econômico, explica, pode vir a ser uma ameaça inevitável aos interesses da população e à soberania do país.

A defesa dos Estados nacionais é outro ponto central na sua obra. Defensor do brexit, Scruton diz que a União Europeia ameaça a democracia no continente, uma vez que a classe política eleita em cada país não é mais responsável por seu povo.

“O povo britânico votou para deixar a UE porque quer ser governado por pessoas que escolheu, e não por outros que lhes são impostos. Infelizmente, as pessoas que eles escolheram querem permanecer na UE, uma vez que isso as libera da responsabilidade de governar. Por isso, o Parlamento tentou atrasar ou reverter o processo”. A falta de autênticas lideranças conservadoras contribui para o impasse.

Com relação ao governo de Jair Bolsonaro, reserva a prudência e o ceticismo que lhe são caros. “A situação no Brasil não parece tão boa para mim, e há claramente questões sobre o caráter do presidente. Na política, no entanto, você não pode esperar que o melhor tipo de pessoa chegue ao topo”.

E qual deveria ser a postura, de um governo conservador? “Faça o mínimo possível, mas corrija o que é necessário”.

Ativistas erram ao focar na mudança climática, que não dá para controlar agora, e ignoram a contaminação pelo plástico, que dá para controlar



Christine Schuler Deschryver (ao centro) ao lado de mulheres atendidas pelo projeto que dá novas perspectivas de vida para vítimas de violência sexual

Divulgação do documentário "City of Joy", produzido pela Netflix

Médico congolês repara o corpo e a esperança de vítimas de estupro

Nobel da Paz reabilitou 1.200 mulheres com projeto que transforma dor em poder

Fernanda Mena

SÃO PAULO Ainda que vaginas fizessem parte de seu trabalho cotidiano, dez anos atrás o ginecologista congolês Denis Mukwege era incapaz de pronunciar, em alto e bom som, o nome do canal que se estende do colo do útero até a vulva. A timidez, a educação religiosa e o próprio tabu em torno da palavra — e, portanto, do corpo feminino — o impediam.

“Denis sempre foi muito tímido e conservador. Tive o privilégio de acompanhar de perto sua evolução”, conta Christine Schuler Deschryver, 55, amiga de Mukwege, ex-professora de suas filhas e vice-presidente da fundação criada por ele para tratar e acolher vítimas de violência sexual. “Hoje, ele é um feminista, obcecado em libertar as mulheres dessas atrocidades”, diz.

Aos 64 anos, Mukwege contabiliza mais de 50 mil cirurgias realizadas no hospital Panzi, que ele criou e dirige desde 1999 em Bukavu, no leste

da República Democrática do Congo (RDC).

Na maioria das operações, seu desafio é reconstruir vagina, reto e ânus dilacerados por estupros brutais cometidos de forma pública e coletiva, e seguidos da introdução de objetos cortantes ou em chamas nas vítimas.

A prática perversa se tornou sistemática no Congo desde 1998, quando teve início a guerra civil que já deixou mais de 5 milhões de mortos e quase 4 milhões de refugiados.

“Nas zonas de conflito, as batalhas se passam nos corpos das mulheres”, declarou em 2013 a uma plateia europeia. “A violência macabra não conhece limites. Eu assisti a coisas que mesmo os cirurgiões não conseguem se acostumar a ver.”

Segundo o médico, essa violência sexual extrema, ao atacar e humilhar a figura central da família tradicional congoleza, desagrega esse núcleo, destruindo as comunidades que em torno dele se organizam.

Para ele, é uma forma de destruir o tecido social do Congo.

“O estupro se tornou uma arma de destruição em massa e uma estratégia de guerra, porque é ao mesmo tempo barata e absolutamente devastadora”, declarou ele no documentário “O Homem que Repara as Mulheres” (2016).

Suas práticas extrapolaram o campo médico rumo ao ativismo quando Mukwege passou a atender bebês e crianças violentados, que precisavam de cirurgias complexas para reconstrução dos sistemas urinário e excretor.

“Percebi que essas atrocidades não seriam resolvidas no centro cirúrgico. Era preciso combater suas causas.”

Ao denunciar os poderosos que se beneficiavam do terror e da violência, Mukwege se tornou ele mesmo um alvo. Em 2012, sofreu um atentado no qual seus cinco filhos foram feitos reféns e seu segurança particular foi morto. O médico e sua família, então, se exilaram na França.

QUEM VEM



DENIS MUKWEGE, ginecologista congolês

Para Mukwege, um homem deixa de ser homem quando não sabe oferecer amor e esperança aos demais. Em um país marcado por conflitos e desigualdade, criou o hospital Panzi para tratar e acolher mulheres vítimas de violência sexual, o que lhe rendeu o Prêmio Nobel da Paz de 2018. Seu hospital já atendeu mais de 85 mil mulheres com danos e traumas ginecológicos. Em 2007, criou o projeto City of Joy, centro voltado para o empoderamento feminino.

Fronteiras 21.ago, 20h30



Fotomontagem de Herman Tacasey



Pouco depois, no entanto, ao tomar conhecimento de que mulheres congolesas haviam criado um movimento para trazê-lo de volta ao hospital Panzi, Mukwege retornou a Bukavu, e passou a morar dentro do complexo hospitalar, agora protegido por forças de paz da ONU.

Em 2014, fundou um movimento feminista masculino, o V-Men, que reitera o compromisso dos homens com a igualdade de gênero.

Por seu empenho para acabar com a violência sexual como arma de guerra, recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2018. “Apenas a luta contra a impunidade pode cessar essa espiral de violência”, discursou na cerimônia do prêmio.

A guerra civil no leste do Congo deriva do genocídio na vizinha Ruanda, em 1994, e envolve mais de uma centena de grupos milicianos armados, financiados pela exploração ilegal ou descontrolada do rico solo congolês, de onde são extraídos diamantes, ouro, cobalto e coltan, um mineral estratégico usado na produção de baterias para telefones celulares, por exemplo.

“A exploração mineral no Congo alimenta a guerra, a violência extrema e a pobreza abjeta”, disse, na entrega do Nobel, antes de lançar uma provocação à ilustre plateia. “Não são apenas os perpetradores da violência os responsáveis por seus crimes, mas também aqueles que escolhem olhar para o outro lado.”

Denis Mukwege nasceu em 1955 em Bukavu, território que então ainda era uma colônia da Bélgica. Terceiro de nove filhos de um pastor pentecostal, estudou medicina no vizinho Burundi e se especializou em ginecologia e obstetrícia na França.

Ao retornar ao Congo, dirigiu um hospital em Lamera, dizimado pela primeira guerra civil do país, em 1996, quando mais de 30 pacientes foram assassinados no leito hospitalar. “Mal sabia eu que aquele massacre era apenas o começo”, disse ao receber o Nobel.

Mudou-se para Bukavu e fundou o hospital Panzi, que,

nos primeiros anos da segunda guerra civil congolesa, recebia, em média, dez mulheres estupradas por dia.

Christine, que havia ingressado no hospital Panzi depois que sua melhor amiga foi assassinada por uma milícia, mantém vivo na memória o caos daqueles primeiros anos de guerra. “Eu voltava para casa impregnada do perfume de carne podre que emanava das mulheres no hospital”, conta. “Comecei a ficar maluca, culpada por ter uma vida confortável. Acabei me tornando anoréxica”, revela.

As mulheres vitimadas chegavam sozinhas ao hospital, seja porque tiveram seus familiares assassinados, seja porque passaram a ser vistas por eles como desonradas.

“Em cada mulher estuprada, eu vejo a minha própria mulher. Em cada mãe estuprada, eu vejo a minha própria mãe. Em cada criança estuprada, eu vejo as minhas filhas”, discursou Mukwege num encontro sobre violência sexual nas Nações Unidas.

Foi essa profunda empatia e o desejo de ajudar suas pacientes para além da medicina que transformaram seu improvável encontro com a escritora e ativista norte-americana Eve Ensler, em 2006, num projeto de empoderamento das vítimas desses massacres.

A autora da premiada peça “Monólogos da Vagina”, que trata do corpo e da sexualidade femininos de maneira despidorada, visitou o hospital Panzi a convite de Mukwege, em 2007.

Ensler ouviu os relatos das mulheres sobreviventes sobre as atrocidades a que foram submetidas e se envol-

veu com a questão da violência sexual no Congo.

A ela, as congolesas disseram que gostariam de ter um lugar onde “tivessem poder”. E foi assim que surgiu o projeto City of Joy (cidade da alegria, em inglês), um centro de acolhida, gerido pelas próprias congolesas, voltado para a cura dos traumas e a formação de lideranças.

“A ideia é prover dois elementos a partir dos quais elas possam elaborar novos projetos de vida: amor e comunidade”, explica Christine, que se tornou diretora do centro.

Erguido em 2011 ao lado do hospital Panzi e mantido com recursos captados por Ensler, o local é uma espécie de oásis em Bukavu, onde as mulheres recebem assistência médica, social, econômica e jurídica.

“A City of Joy é o lugar onde as mulheres congolesas vão transformar sua dor em poder”, disse Ensler na cerimônia de inauguração do espaço.

“Acho que, hoje, eu, Denis e a equipe da City of Joy somos as pessoas que mais falam a palavra vagina no mundo todo”, brinca Christine.

Mais de 1.200 mulheres deixaram os portões da City of Joy prontas para reescreverem suas histórias em novas bases.

Ainda que o volume de vítimas de estupro que chegam ao hospital Panzi tenha diminuído muito nos últimos anos, Mukwege hoje se depara com a angústia de ter de operar pela segunda, terceira ou quarta vez uma mesma mulher que sofreu novo estupro.

“Quando ele me telefona e pergunta se estou sozinha na minha sala, eu já sei”, conta Christine. “Ele vai entrar, fechar a porta e chorar”, descreve. “E eu choro junto, de dor e de revolta.”

Mukwege foi testemunha de casos críticos, em que mulheres chegaram ao hospital desenganadas para depois, recuperadas, voltarem a fazer planos para o futuro. Ele diz sempre se surpreender com a resiliência dessas sobreviventes.

“Se essas mulheres, diante do horror, conseguiram forças para lutar por suas vidas, quem sou eu para desistir?”

QUEM VEM



LUC FERRY,
filósofo francês

Ex-ministro da Educação na França, professor e escritor, trouxe a filosofia de volta ao cotidiano, com linguagem e abordagem acessíveis. Entende que a filosofia traz as respostas para que o homem supere seus medos — que ele vê como impedimentos ao amor e à liberdade. É autor do best-seller “Aprender a Viver”, no qual coloca a sabedoria como o caminho para uma vida melhor.

Fronteiras 13.nov, 20h30



CONTARDO CALLIGARIS,
psicanalista e
colunista da **Folha**

Italiano radicado no Brasil, ele aborda questões da adolescência e angústias provocadas pelos desafios contemporâneos em livros e artigos. Suas obras vão além da teoria psicanalítica, e incluem peças teatrais, romances e o seriado para TV “Psi”. Lecionou na Universidade Paris 8, e teve aulas com os filósofos Roland Barthes e Michel Foucault. A suposta obrigatoriedade da felicidade, do gozo, da beleza e dos excessos é tema frequente em seus trabalhos.

Fronteiras 23.out, 20h30

Em zonas de conflito, as batalhas se dão nos corpos das mulheres; ‘Vi coisas que nem cirurgiões se acostumam a ver’

Um penetra inaugura sua literatura de perguntas no meio da festa americana

O caminho ímpar de Paul Auster e da obra que busca, que pensa —e que duvida

Juliana Cunha

SÃO PAULO Quando Paul Auster surgiu no cenário literário norte-americano, foi como um corpo estranho. Tradutor de francês e pouco afeito a enredos repletos de ação, foi mais bem recebido na Europa do que em sua terra natal, onde o consideraram um tanto quanto afrancesado.

Entre 1974 e 1980, ele publicou quatro livros de poesia em pequenas edições timidamente recepcionadas e sentia que, como escritor, tudo o que ele tocava tendia ao fracasso de público.

Alguns anos depois de trocar a poesia pelo romance, no entanto, sua sorte virou. A década de 1990 consagrou Paul Auster como um dos grandes prosadores americanos, com prêmios literários e a prova suprema de sua popularidade entre os leitores: em 1999, uma matéria do jornal britânico *The Guardian* dizia que muitas livrarias mantinham os livros deles protegidos atrás do balcão, porque Auster era um campeão de furtos.

Judeu de Newark, em Nova Jersey, as similaridades com Philip Roth não se estendem muito mais do que a cidade natal. Embora ambos tematizem questões judaicas, a condição do escritor e utilizem recursos autobiográficos, mesmo quando surge em cena, Auster parece se esconder nas coxias.

O crítico Sven Birkerts o descreveu como “um fantasma no banquete de escritores americanos contemporâneos”, e o próprio Auster já disse que seu projeto literário era tão contrário ao que a maioria dos romancistas estava tentando fazer que, às ve-

QUEM VEM



PAUL AUSTER,
escritor e roteirista
norte-americano

Em suas obras, Auster traz reflexões existenciais, paradoxos e dramas universais, tendo como pano de fundo a cidade de Nova York e seus habitantes. Ganhou fama internacional com o livro “A trilogia de Nova York”, eleito pelo *The Guardian* uma das cem melhores obras de ficção de todos os tempos. Atua também como roteirista e poeta, e é membro da Academia Americana de Artes e Letras. Seu livro mais recente, “4321”, foi finalista do Prêmio Man Booker e publicado no Brasil em 2018 pela Companhia das Letras.

Fronteiras 19.jun, 20h30

zes, ele tinha dificuldade em se pensar como romancista.

Até quando seus livros incorrem em “temas americanos” como a Grande Depressão e o beisebol, seu tratamento soa muito diferente da maior parte de seus contemporâneos atuais, aproximando-se antes de referências europeias e da literatura americana do século 19, especialmente de Herman Melville, Nathaniel Hawthorne, Edgar Allan Poe e Henry David Thoreau, autores que o próprio Auster cita como inspirações.

“A narrativa norte-americana da segunda metade do século 20 é muito marcada pela ação que caracteriza, por exemplo, a obra de Hemingway, sempre citado como uma influência de escritores posteriores. Num caminho distinto, a literatura de Paul Auster é um espaço de reflexão: acompanhamos os pensamentos, as dúvidas, os questionamentos de seus personagens”, explica Rafaela Scardino, professora da Universidade Federal do Espírito Santo.

Algumas obras do autor chegam a ser completamente desprovidas de acontecimentos, como “Viagens no Scriptorium” (2006), na qual o protagonista não sai do cômodo onde se passa o romance.

“Talvez essa seja a principal diferença, não só de seus personagens, mas de sua narrativa: diante do pragmatismo que marca a cultura norte-americana, seus livros, mais que qualquer outra coisa, pensam. E duvidam”, diz Scardino.

Sua ficção traz elementos de diversas tradições e escolas literárias sem de fato pertencer a nenhuma delas. “Ele combina metaficção e autoficção com inserções poéticas, ensaísticas. Vaga entre o realismo e a experimentação”, explica Alik Varvogli, professora da Universidade de Dundee, na Escócia.

O livro que fez sua fama, “A Trilogia de Nova York” (1987), é um bom exemplo dessa porosidade. Com três histórias vagamente conectadas, faz uso de procedimentos do romance de detetive para construir uma trama que busca resolver questões existenciais, de identidade e da própria literatura. Assim como boa parte dos romances do autor, o livro se organiza na forma de uma

busca: por respostas, por pessoas, por algo que se perdeu.

Para a professora Rafaela Scardino, a grande questão de sua obra é uma interrogação a respeito das formas de estar no mundo. “Diante de uma vida marcada pelo acaso e pela contingência, como agir responsável e eticamente? O questionamento pelas escolhas éticas e pela responsabilidade com o outro me parece a grande característica de seu trabalho, ainda que talvez não seja a mais óbvia”, explica.

A característica mais óbvia de Auster é sua insistência em trabalhar a questão da identidade e da perda de identidade.

O tema surge desde seu primeiro trabalho de prosa, “A Invenção da Solidão” (1982), no qual narra memórias a respeito de seu pai, Samuel: um homem basicamente desprovido de emoções aparentes, e que se retira da vida muito antes da morte, fazendo com que seus familiares tenham de conviver com uma ausência.

Embora tenha abdicado da poesia assim que começou a publicar romances, o Auster poeta ressoa em sua prosa.

“Tudo o que ele viria a trabalhar nos romances já se encontra nos livros de poesia: os temas, os procedimentos. Há trechos inteiros de seus livros recentes que poderiam estar nos poemas”, afirma a pesquisadora Egle Pereira.

Ele também fez incursões no cinema, onde escreveu cinco roteiros e dirigiu quatro filmes, sendo o principal deles “Cortina de Fumaça” (1995).

Apesar de já ter anunciado algumas vezes que encerraria sua carreira, Paul Auster permanece bastante ativo: nos últimos dez anos, publicou oito livros.



Fotomontagem de Herman Tacasey

A arte como duelo épico entre homem e natureza

Aos olhos do cineasta Werner Herzog, o movimento da vida sempre ocorre em um 'profundo oceano de caos e escuridão'

Guilherme Genestreti

SÃO PAULO Nos bastidores da turbulenta filmagem de "Fitzcarraldo", rodado na Amazônia peruana, Werner Herzog resumiu o que pensava das selvas, cenários de tantos dos seus filmes. "A natureza aqui é vil. As árvores sofrem, os pássaros sofrem." A fala, longe de qualquer deslumbramento ecológico, dá pistas sobre uma das inquietações do diretor.

O embate entre homem e mundo selvagem atravessa longas como "Aguirre, a Cólera dos Deuses" (1972), sobre uma expedição colonizadora que se esfacela na floresta, e "O Sobrevivente" (2006), que acompanha um militar americano versus a fúria das monções no Laos, durante a Guerra do Vietnã.

O mesmo duelo aparece em "O Enigma de Kasper Hauser" (1974), sobre um jovem que cresceu isolado de convívio social. O que intriga o diretor aqui é até onde o homem é produto de sua essência animal e até onde é uma construção cultural.

Nos seus filmes, a natureza nunca é só terreno de provocações. Ameaçadora, é a fagulha que transforma fixações individuais em atos insanos.

É o caso dos delírios do protagonista de "Fitzcarraldo" (1982), que quer construir uma ópera no meio do mato. E das obsessões do ativista exposto no documentário "O Homem Urso" (2005), que tanto lutou para salvar ursos do Alasca e acabou devorado por um deles.

Não por acaso, Herzog foi convidado a dirigir "Fordlândia", para recuperar a história do magnata Henry Ford, que insistiu em criar uma fábrica automotiva e uma cidade no meio da Amazônia. As ruínas

QUEM VEM



WERNER HERZOG,
cineasta alemão

Um dos principais nomes do movimento cinematográfico na Alemanha do pós-guerra, retrata o misticismo, o desconhecido e a tragédia no mundo em obras densas e controversas, como "Fitzcarraldo" e "Nosferatu". Em mais de 60 filmes, dos quais assina roteiro, direção e produção, apresenta heróis com sonhos impossíveis ou pessoas com talentos únicos em áreas obscuras.

Fronteiras 25.set., 20h30

estão até hoje no Pará.

Herzog vê a humanidade com a lente cética de quem nasceu sob o jugo do nazismo. "Sou fascinado pela noção de que a civilização é uma fina camada de gelo sobre um profundo oceano de caos e escuridão", escreveu.

"Coração de Cristal" (1976) é a síntese dessa fragilidade: filmado com o elenco sob hipnose, conta a história de aldeões que cedem à loucura depois da morte do único homem que sabia criar certo tipo de vidro, riqueza do povoado.

Um pouco desse mesmo sen-

timento de descrença respinga nas obras de seus companheiros de geração Wim Wenders e Rainer Werner Fassbinder, nomes que, antenados à ousadia da nouvelle vague, deram cara ao novo cinema alemão, cujo auge foi nos anos 1960 e 1970.

Filiações à parte, Herzog nunca foi dos maiores fãs da teorização sobre o seu ofício. "Os filmes não brotam do pensamento acadêmico abstrato, mas dos joelhos e das coxas."

O mote orienta o curso pouco ortodoxo que ele dá aos interessados em aprender macetes de cinema de guerrilha. Nas aulas, alerta que são proibidos temas como "crescimento interior" ou "descoberta dos próprios limites". O curso, anuncia seu site, é voltado a "quem trabalhou como segurança em bordel ou foi porteiro em hospício e a quem viajou a pé."

O próprio Herzog é um entusiasta das caminhadas, rota para o que chama de "verdade do êxtase". Bravata ou não, ele conta como foi a pé de Munique a Paris para visitar uma amiga prestes a morrer.

A morte, aliás, é outra obsessão sua, presente na refilmagem de "Nosferatu" (1979), uma de suas cinco parcerias com o ator-encenista Klaus Kinski. O tema é escancarado não só no simbolismo do vampiro, mas na praga das ratazanas que infestam uma cidade.

Nada estranho a um cineasta que já esteve perto de morrer várias vezes. Herzog teve uma entrevista interrompida quando um atirador disparou contra ele. Nos vídeos sobre o atentado, o diretor permanece inalterado, mesmo quando a bala de ar comprimido o atinge na cintura. Ele só sorri: "Não é nada significativo".

QUAL O SENTIDO DA VIDA ?

O homem é um animal social, não pode viver sozinho. Então o sentido da vida não pode ser para você, tem de ser para o outro. É buscar algo para se completar, e o homem se complementa no outro, sempre busca algo que possa suprir sua carência. Ao me completar, também posso completar a vida de outra pessoa, preencher alguns trechos. Já pensou se o homem fosse só? Não poderíamos nem discutir se há sentido na vida. Ia discutir com quem?

Osmair Camargo
Cândido,
coveiro

O sentido da vida é que só estamos aqui a passeio, então temos que ser felizes, desfrutar e nos divertir ao máximo, sem ofender ou maltratar ninguém

Jucirlei F. de Oliveira, 36,
motorista de aplicativo

Poder transformar a maneira que os bebês chegam ao mundo. É um momento tão emblemático ser o primeiro a recepcionar um ser que tem ali a sua essência, mas você não sabe quem é nem o que virá a ser. Fico pensando 'será que esse vai resolver a fome? Será que esse outro vai despoluir rios?' Valorizar esse ser desde que ele não é visível me dá sentido. Já trouxe cerca de 7.000 bebês ao mundo

Alberto Jorge de Souza
Guimarães, 56,
obstetra do hospital
São Luiz Itaim

Depoimentos a **Dante**
Ferrasoli

NÃO FAZ SENTIDO ENTRAR EM UM
DIÁLOGO A NÃO SER QUE VOCÊ

ESTEJA PREPARADO PARA MUDAR
COM O ENCONTRO.

KAREN ARMSTRONG



PENSAR O NOSSO TEMPO PARA TRANSFORMAR O NOSSO FUTURO

Há mais de 12 anos, a Braskem é patrocinadora do *Fronteiras do Pensamento* e acredita no poder das relações humanas e no potencial infinito da conexão e do conhecimento. É pensando sem fronteiras, com debate, diálogo e inovação, que poderemos transformar o nosso mundo.

ACESSE: FRONTEIRAS.COM

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

Braskem